

## Estrutura, desenvolvimento e níveis na *diegese*: um estudo narratológico da obra *Antônio*, de Beatriz Bracher

Gláucia Xavier<sup>1</sup>

Pontifícia Católica de Minas Gerais

**Resumo:** Este artigo é um estudo da obra *Antônio*, livro de Beatriz Bracher (2007) cuja segunda edição foi publicada em 2010. A obra ganhou dois prêmios importantes de literatura, no Brasil, além de ficar como finalista do Prêmio São Paulo de Literatura, em 2008. A narrativa trata da busca do conhecimento de si mesmo através do discurso do outro. É dessa forma que o protagonista, Benjamim, monta o quebra-cabeça de sua história. Esta obra foi escolhida por se diferenciar de tantas outras no seu modo de narrar, trazendo como protagonista um personagem que não se pronuncia através da fala, em nenhum momento da *diegese*, apesar de haver sua presença em toda a narrativa como um personagem ouvinte. Neste trabalho, foram analisados o desenvolvimento da narrativa, tipos de narradores, tipos de personagens e, principalmente, a estrutura narratológica, como narratário, autor empírico e implícito, leitor empírico e implícito. Esses níveis, por vezes complexos no estudo narratológico, são, ao longo do texto, conceituados e exemplificados na narrativa. O estudo para a construção deste trabalho foi baseado em Genette (1971), Friedman (1955), Rimmon-Kenan (2002), Gancho (2006), Reis e Lopes (1989), Borges Filho (2008) e Santos e Oliveira (2001). Ao final do artigo, espera-se que o leitor possa compreender, pela obra, a relevância dos estudos narratológicos para os estudos literários.

**Palavras-chave:** Estudo narratológico. Estrutura da narrativa. Narradores. Personagens. *Antônio*.

### Introdução

O livro *Antônio* é o terceiro romance de Beatriz Bracher. Publicado em 2007, teve sua segunda edição em 2010. Em 2008, ficou em terceiro lugar no Prêmio Jabuti, na categoria romance; segundo colocado no Prêmio Portugal Telecom de Literatura e finalista do Prêmio São Paulo de Literatura. *Antônio* é a história de Benjamim, que descobre que seu pai Teo, já falecido, e seu avô Xavier, também falecido, foram casados com a mesma mulher e que, assim como ele, o primeiro filho que morreu logo ao nascer, também se chamava Benjamim.

Na busca pelo conhecimento da própria história, Benjamim recorre às pessoas que ainda estão vivas: Isabel Belmiro, a esposa do avô Xavier; Raul, amigo do pai Teo, e Haroldo,

---

<sup>1</sup> Doutoranda em Linguística e Língua Portuguesa (PUC-MG) e mestre em Educação (PUC-MG). É professora de dedicação exclusiva do IFMG (Instituto Federal de Minas Gerais) e leciona literatura e língua portuguesa para o Ensino Médio e Superior. Na literatura, seus interesses de pesquisa se voltam para os *Lusíadas* e a poesia medieval, em especial, as Cantigas de Santa Maria. E-mail: [glaucia.xavier@ifmg.edu.br](mailto:glaucia.xavier@ifmg.edu.br).

amigo do avô Xavier. Através das conversas, Benjamim vai montando o quebra-cabeça de sua história de vida. No entanto, esses diálogos se dão sem que se ouça a voz de Benjamim. Toda a narrativa é descrita em terceira pessoa. Essa narrativa polifônica expõe apenas as falas de Isabel, Raul e Haroldo.

Neste trabalho, foram analisados o desenvolvimento da narrativa, tipos de narradores, tipos de personagens e a estrutura narratológica, como: narratário, autor empírico e implícito, leitor empírico e implícito. Esta obra foi escolhida por se diferenciar de tantas outras no modo de narrar, trazendo como protagonista um personagem “sem voz”, não obstante a sua presença em toda a narrativa. O estudo para a construção deste trabalho foi baseado em Genette (1971), Friedman (1955), Rimmon-Kenan (2002), Gancho (2006), Reis e Lopes (1989), Borges Filho (2008) e Santos e Oliveira (2001).

### **A paráfrase da diegese**

Antônio, nome que é dado à obra, é na verdade o nome escolhido para o filho de Benjamin, o protagonista, pois sua esposa está grávida no momento em que ele busca parte de sua identidade. À espera de Antônio, toda a narrativa ocorre. Ela não é linear, pois cada um dos três narradores contam seus trechos a partir de cenas e fatos não lineares. Além dos três narradores: Isabel Belmiro, a esposa do avô Xavier; Raul, amigo do pai Teo; e Haroldo, amigo do avô Xavier; há os personagens já falecidos: Xavier, avô de Benjamin; Teo, seu pai; Elenir, sua mãe e primeira esposa de seu avô; e Benjamin, filho de Xavier com Elenir, no caso, tio de Benjamin protagonista, por ser filho de seu avô. Porém, também é seu irmão, por ser filho de sua mãe. Esse é então o ponto de partida para que Benjamin vá à busca de sua história identitária.

Numa tentativa de organizar a história em uma linha cronológica e em fatos lineares, pode-se iniciar por Xavier, que era advogado e conhece Elenir, para ele, Lili. O romance entre os dois era mal visto pela família de Xavier, mais elitizada. Elenir era uma jovem de 15 anos, simples e humilde. Os dois se casam e Elenir engravida, o filho nasce e se chama Benjamin, porém nasceu fraquinho após um parto longo e difícil. O pai de Xavier, Dr. Kremz, era um grande médico e orientou que fosse feita uma cirurgia mal sucedida, acarretou que a criança agonizou por dois dias no hospital.

No auge de uma situação como a que ocorria, Xavier teve uma espécie de surto e como quem parecesse querer agredir Elenir, disse a ela: “deixa essa criança em paz tire as mãos dela, esse menino já está podre, você não vê, não sente o cheiro? (BRACHER, 2010, p. 128)”. O menino morreu no dia seguinte. Segundo Haroldo, que narra essa cena, Elenir tremeu quando suas mãos seguraram o bracinho do filho morto e pareceu que “Elenir tivesse engolido a alma do filho, protegendo-a dentro de si em um lugar quente e sanguíneo. Seu corpo ficou da cor da roupa da criança morta” (BRACHER, 2010, p. 128-129)”.

Elenir e Xavier se distanciaram após um período de luto e Xavier nunca se referiu ao sumiço de Elenir. Com a loucura da perda do filho e ataques frequentes de fúria, Xavier fora internado em um sanatório. Mais tarde, ele deixa a advocacia e se casa com Isabel, professora universitária, também advinda de uma família elitizada e juntos eles têm quatro filhos: Teo, pai do segundo Benjamin, era o caçula, Flora, Henrique e Leonor.

Na época do vestibular. Teo, o Teodoro, na dúvida do que fazer quanto ao seu caminho profissional resolve viajar para Minas, então com 17 anos. Mais tarde, numa internação hospitalar, ele conhece Elenir, agora enfermeira do hospital onde fora internado. Porém, para Teo, Elenir era Leninha. Eles se casam e ela engravida do segundo Benjamin, o protagonista da história. Agora mais velha, Leninha, a mesma Elenir, sabia que uma gravidez era um risco para a sua idade e também das condições precárias do hospital da cidadezinha onde moravam. Segundo Raul, que narra este episódio, Teo acreditava que estava vivendo sob uma proteção celestial e que se fosse para São Paulo algo poderia contaminar o filho “fruto de uma força maior (BRACHER, 2010, p. 103)”.

Para Raul, Teo e Elenir sabiam quem eram:

Sabendo hoje o que sei, penso que ele e ela sabiam quem eram, resolveram repetir a história. Para Teodoro eu tenho certeza de que aquela união era incestuosa. Dormir com a mulher do pai, quem aguenta uma coisa dessas sem depois furar os próprios olhos e vagar sem rumo? Ela precisava morrer, eles sabiam disso, um deles precisaria morrer, e não seria novamente o bebê, é essa violência que entendo hoje (103-104). (...)eu não consigo deixar de pensar que houve algo de cruel na tua mãe, de proposital em deixar-se morrer dando a luz a um neto de Xavier (BRACHER, 2010, p. 104).

Durante a gravidez, Elenir dizia ter certeza de que o filho era homem e queria que seu nome fosse Ismael fazia bordados com este nome e justificava que Maomé e os muçulmanos eram herdeiros de Ismael e por isso queria que o filho fosse um início. Elenir morre no parto e Teo acredita que o filho era o reinício do que havia morrido no passado “de um sonho não

realizado do pai, de uma visão que agora se realizava (BRACHER, 2010, p. 105)”. Raul relata que Teo não sentiu falta de Elenir, após sua morte, pois havia tido um filho e por isso tinha um amor. “Ele sentiu-se mais homem por ter um filho homem e ser viúvo da preferida do pai dele (BRACHER, 2010, p. 106)”. Assim, Teo criou o filho e resolveu trabalhar como vaqueiro em uma fazenda no interior de Minas.

Antes de Xavier morrer, Teo trouxe Benjamin a São Paulo. Não ficou muito tempo e voltou pra o interior. Na semana seguinte à visita de Teo, Xavier faleceu. Mais tarde, anos depois, Teo enlouquece, volta a morar com a mãe Isabel, apesar do pouco entrosamento. A loucura vai ficando cada vez pior. Ele começa a catar lixo, conviver com moradores de rua etc. Benjamin vivencia esses fatos com o pai e com a avó. Isabel diz que Benjamin parecia um fantasma nessa época, pois pisava leve m casa e se escondia pelos cantos. Teo morreu com 30 anos e Benjamin tinha 11. Anos mais tarde, quando Benjamin vai à procura de Isabel para conhecer a verdadeira história, ela está com câncer e narra tudo em uma cama de hospital. O último capítulo é a narração da morte de Isabel.

### A diegese e sua estrutura

A diegese é a ação, o desenrolar da história e representa o universo espaço-temporal no qual se desenrola a narrativa. Para Genette (1971), a narrativa literária, ao mesmo tempo, produz a história e o discurso. Aquela pode ser entendida como a sequência de acontecimentos e a este como a ordem cronológica dos acontecimentos num texto.

O papel do narrador é aprofundado, destacando sua dinâmica própria relativa à história. Assim, a narrativa é descrita como um produto das relações dos elementos em diversos níveis: metadieético ou hipodieético, intradieético e extradieético. No entanto, esses níveis e seus aspectos são interdependentes. Tomando como base a tipologia proposta por Genette e o forte vínculo do narrador com o texto narrativo, como é o caso de *Antônio*, tem-se a seguir a estrutura da obra *Antônio*.

No nível intradieético, tem-se a narração da história dos fatos da vida de Benjamin, Teo e Xavier. Como exemplo, tem-se: “Ou seja, a tua mãe, Elenir, foi casada com teu avô e teve com ele um filho que morreu, o primeiro Benjamin” (BRACHER, 2010, p. 10).

No nível meta ou hipodiegético, têm-se as reflexões e acontecimentos narrados por Isabel, Raul e Haroldo, sobre fatos ocorridos ao longo das histórias de Teo e Xavier, como se fosse uma história contida em outra. Como:

Elenir vestiu o filho todo de branco e pediu para velar a criança em sua casa. Xavier, abobalhado, jazia lasso em uma poltrona e olhava para o chão. Dr. Kremz foi ríspido com Elenir: ‘Acabou-se, você não percebe que minha família já sofreu o suficiente? Não vamos dilatar o que nem deveria ter existido. Basta. O corpo vai sair daqui para o cemitério, e ainda hoje’ (BRACHER, 2010, p. 128).

Já no nível extradiegético, tem-se o autor implícito. Através dele, é possível observar a estratégia discursiva autoral, ou seja, a intenção e a proposta do autor empírico na obra. Exemplo: “Fui com tua avó na clínica no dia seguinte. Teodoro e ela não sabiam o que falar. Ou não havia o que ser falado (BRACHER, 2010, p. 167)” Observa-se nesta última frase que há uma intenção do autor empírico que é transportada para texto através de uma fala de um dos narradores. Ainda no nível extradiegético, tem-se o leitor implícito. Isso pode ser entendido como um narratário<sup>2</sup> que não está na diegese ou ainda o que o autor empírico espera do leitor. Exemplo:

Depois da morte de Xavier, coube a Teo a obrigação de desempenhá-lo, e ele não soube fazer com o mesmo *savoir vivre* do pai, que sempre tirou proveito de seu personagem na profissão, na família e nas camas em que esteve (p.136). (...) Entendi que tinha agido a vida inteira como um rei, um rei justo e forte, um rei chinês do I-Ching...(BRACHER, 2010, p. 151).

Tanto o “*savoir vivre*”, como o “rei chinês do I-Ching”, dependem de um conhecimento prévio do leitor empírico. Assim, imagina-se que o autor empírico traça um possível perfil do seu leitor empírico que, nesse caso, conhece um pouco de francês e de cultura chinesa.

Tomando como base Genette (1971), os narradores de *Antônio* são intradieгéticos, quer dizer, personagens que assumem papel de narrador. No caso, tanto Isabel, como Raul e Haroldo são conceituados como narradores homodieгéticos, como subtipo do narrador intradieгético. Isso porque eles fazem parte da narrativa, mas nenhum dos três é o protagonista. Eles são personagens secundárias. Já o protagonista, Benjamin, não é narrador em nenhum momento, característica que ajuda a fazer de *Antônio* uma obra diferenciada.

---

<sup>2</sup> Narratário pode ser entendido como um possível leitor que o autor cria, o sujeito para quem se narra, aquele a quem se dirige o discurso. O autor projeta no narratário uma instância de leitor.

### Elementos da narrativa

Após o conhecimento da diegese, podem-se elencar níveis de participação. Rimmon-Kenan (2002, p. 87) apresenta um diagrama que retrata essas esferas:

autor empírico → autor implícito → narrador → narratário → leitor implícito → leitor empírico

autor empírico é o autor da obra. O autor implícito é uma versão do autor mostrada através da narrativa, é quem controla a estrutura e estilo do texto. Já o narrador é quem narra a história, e o narratário pode ser entendido como uma entidade para quem o narrador conta a história. O leitor implícito é uma entidade capaz de perceber os recursos estilísticos e narrativos que o autor utiliza. E o leitor empírico é o leitor da diegese.

Sobre esses seis níveis, “Of de six participants enumerated in the diagram two are left outside the narrative transaction proper: the real author and his equally real conter part, the real reader” (RIMMON-KENAN , 2002, p. 87). Quanto às demais esferas da diegese, o autor implícito e o leitor implícito podem ser considerados as duas esferas mais complexas e abstratas. Ainda na visão de Rimmon-Kenan (2002, p. 87), “the implied author is the governing consciousness of the work as a whole, the source of the norms embodied in the work”. E, ainda segundo Rawlings (2006, p. 64-65):

Booth defined the ‘implied author’ as the author’s ‘second self’. (...) We form our sense of the implied author from everything said and done in the text, and from the structure of the novel and its overall arrangement. The narrator is only one elemento in our compound of the implied author. The norms of the narrator may differ from those of the characters, and those of the implied author.(...) Our ‘sense of the implied author’ comes not just, or mainly, from any ‘explicit commentary’, but from ‘the kind of tale he chooses to tell’.

Como se vê, as marcas do autor implícito são compostas pelo somatório das escolhas do autor real ou empírico, assim, o leitor forma seu senso sobre o autor implícito por tudo o que é descrito e construído no texto, pela estrutura do romance e sua organização global. Ele não é uma pessoa, mas estratégias e recursos, ou seja, uma instância textual. Portanto, o autor implícito pode ser entendido como escolhas, elementos e pontos de vistas que conduzem o autor empírico.

Já o leitor implícito seria então uma nova instância textual vislumbrada pelo autor real para captar as escolhas do autor implícito. Levando em conta essas duas esferas tão relevantes em uma diegese, serão apresentados, neste momento, os registros que podem ser considerados pistas de leitor e autor implícito em *Antônio*.

Voltando à paráfrase da obra, a fala de Raul em,

Sabendo hoje o que sei, penso que ele e ela sabiam quem eram, resolveram repetir a história. Para Teodoro eu tenho certeza de que aquela união era incestuosa. Dormir com a mulher do pai, quem aguenta uma coisa dessas sem depois furar os próprios olhos e vagar sem rumo? Ela precisava morrer, eles sabiam disso, um deles precisaria morrer, e não seria novamente o bebê, é essa violência que entendo hoje (BRACHER, 2010, p. 103-104).

Neste trecho, tem-se um exemplo concreto de leitor implícito. O autor real, por meio do narrador cita a tragédia de Édipo, que mata o pai, casa-se com a mãe e ao saber da verdade fura os próprios olhos e passa a vagar sem rumo. Porém, em nenhum momento, a diegese cita Édipo, tragédias gregas ou mitologias. No entanto, só um leitor que já conhece a história de Édipo seria capaz de compreender esse trecho. Há subjacente a noção de um leitor implícito, conhecedor da tragédia e, principalmente, conhecedor das consequências advindas de uma relação ‘incestuosa’, como, de certa forma, foi a de Teo e Elenir.

Remetendo a Rawlings (2006), o autor implícito também pode ser exposto através das vozes dos narradores. Em *Antônio*, isso pode ser visto quando Haroldo descreve a vida de Xavier como alguém que fracassou, gastou as heranças e não produziu nada. “Dona Silvia, quando queria chamar a atenção do filho, citava o avô dela, ‘o homem é cativo do dever’, e Xavier, para implicar, respondia, ‘e eu, do meu prazer’. Deu no que deu” (BRACHER, 2010, p. 107). A expressão ‘deu no que deu’, não é uma fala da mãe de Xavier, D. Silvia, é de Haroldo. Porém, ela é dispensável, do ponto de vista da narrativa. Sem ela, é possível compreender que Xavier não se preocupava com trabalho. Entretanto, ‘deu no que deu’ esboça uma crítica perante o comportamento de Xavier. Em um primeiro momento, pode-se dizer que é a opinião de Haroldo, mas, observando melhor, também é possível afirmar que esta expressão, inicialmente ingênua, abarca um ponto de vista do autor implícito, ou seja, uma intenção do autor real.

A seguir, em mais uma descrição de Xavier, vê-se um sinal do autor implícito, entretanto, nesse momento seu projeto vai além da diegese. “Era um sujeito lúcido e pouco alucinado, queixava-se de que a literatura brasileira só tinha por personagens funcionários públicos, intelectuais, artistas, prostitutas, retirantes, no máximo um comerciante, jamais

industriais, banqueiros, executivos de sucesso (BRACHER, 2010, p.111)”. Por meio desta descrição de Xavier, através da voz de um narrador, o autor implícito traz à tona uma questão sobre a literatura brasileira, no que tange à frequência com que os anti-heróis, sempre vítimas das adversidades, aparecem nas tramas (GANCHO, 2006). Essa estratégia pode ser considerada como uma forma de desempenhar o papel de autor implícito.

Para finalizar, outro trecho que pode ser considerado parte do projeto do autor empírico para o autor implícito foi na narração de Isabel (BRACHER, 2010, p. 133): “Morrer é intransitivo, incompartilhável, sujeito singular, nunca composto. Mesmo as mortes coletivas, holocausto, câmara de gás, chacinas, são mortes individuais. Quem morre, morre só”. Nesse trecho, reflete-se não sobre um fato de um personagem, mas sobre a temática de toda a obra, morte e vida. Esses temas foram retratados, debatidos e encenados todo o tempo. Dessa forma, esse recurso foi usado para remeter à organização global da diegese, algo muito maior do que um simples relato de um narrador.

Ainda sobre o diagrama de Rimmon-Kenan (2002), tem-se o narrador e o narratário. O narrador em *Antônio* é a peça fundamental. São três e conduzem toda a diegese. Eles são (1) narradores personagens, pois participam diretamente do enredo, não são onipresentes e nem oniscientes (GANCHO, 2006), nem por isso apresentam um campo de visão limitados. Nesse sentido, podem ser conceituados também como (2) narradores observadores, que se posicionam fora dos fatos e sabem sobre a história. O misto de tipologias de narradores em uma mesma diegese é, sem dúvida, umas das características mais importantes na forma de narrar em *Antônio*. Eles também são (3) narradores intrusos, uma vez que julgam o comportamento das personagens (GANCHO, 2006).

Seguem abaixo alguns exemplos:

(1) Narrador personagem:

Depois que ele foi embora, que eu o expulsei, dois ou três dias depois ele quebrou tudo na casa da tua avó. Ele quebrou a televisão, os quadros e se machucou no vidro da janela. Ele já estava calmo quando eu cheguei lá. Ele e Isabel cansados, Henrique bravo, arrumando as coisas, bravo com a inação de Isabel. Eu apoiei Isabel, concordei que Teodoro é quem tinha que resolver ser internado ou não. Lavei os braços de Teodoro e enrolei seus pulsos feridos com gaze limpa. Pensei aliviado, ainda bem que ele não teve esse surto lá em casa. Lembrei dele limpo na calçada, ele sujo e bêbado na sarjeta, pensei que seria muito bom se ele morresse (BRACHER, 2010, p. 167).

(2) Narrador observador:

Quando Carmem chegou deu de cara com um rastro de vômito pela casa, Teo ouvindo música alta no quarto, e uma menina com quem quase esbarrou quando ela ia pelada e dançante para a cozinha pegar sei lá o quê (BRACHER, 2010, p. 162).

(3) Narrador intruso:

No meio chegou esse Raul que resolveu apoiar Isabel, dizer que só o próprio Teodoro poderia resolver se deveria ou não ser internado. Um idiota (BRACHER, 2010, p. 172).

Quantos às variantes do narrador personagem, todos os três narradores podem ser considerados ‘narradores testemunhas’, “geralmente não é a personagem principal, mas narra acontecimentos dos quais participou, ainda que sem grande destaque” (GANCHO, 2006, p. 21). O narrador testemunha “é um personagem em seu próprio direito dentro da história, mais ou menos envolvido na ação, mais ou menos familiarizado com os personagens principais, que fala ao leitor na primeira pessoa” (FRIEDMAN, 2002, p. 176). Por serem considerados também personagens, são narradores dramatizados em si mesmos, ora como agente, ora como mero observador. É interessante notar na diegese a divisão desses momentos na variação de comportamento dos narradores. Para todos os três, tanto nos momentos em que Teodoro se relaciona com Elenir, quanto nos momentos em que Xavier é que tem relação com ela, os narradores são apenas observadores. É como se houvesse uma divisão proposital na diegese por parte do autor empírico, no momento de construção da obra.

Por fim, tem-se a instância do narratário, que é tão indispensável para a narração como é o narrador. Para Rimmon-Kenan (2002, p. 105) “Like narrators, narratees can be either covert or overt.” Para a autora, o narratário é o leitor implícito. Santos e Oliveira (2001, p. 20) também afirmam isso e completam que há uma tendência em confundir leitor e narratário, pois o termo “foi cunhado para designar o sujeito para quem se narra, aquele a quem se dirige o discurso”. Não obstante, esse alguém não é o leitor real, mas um leitor construído, pressuposto e desejado. Seria a ficcionalidade do leitor. Fica aí, então, uma certa obscuridade quanto ao conceito de narratário. No caso de Antônio, há algumas hipóteses sobre a instância de narratário: seria possível pressupor que Benjamin é também um narratário, mesmo sendo personagem? E mais, protagonista?

Se for levado em conta que narratário é para quem o discurso é endereçado, essa instância se encaixa em Benjamin, principalmente pela forma como Beatriz Bracher o situa,

apenas como receptor. E o outro dado para essa pressuposição é como o leitor real é levado muitas vezes a se sentir como Benjamin. Isso ocorre em: “É difícil para mim e vai ser para você, eu acho, se bem que já foi, não é?, o pior você viveu junto, estava do lado, ou não?” (BRACHER, 2010, p. 29). Também em “Você está no meu apartamento ou na casa de Leonor? Na casa dela, junto com a Renata, bem que imaginei” (BRACHER, 2010, p. 131). Observa-se que há um endereçamento direto do discurso e ao mesmo tempo considerado indireto, uma vez que o protagonista não responde, mas o leitor conhece a sua resposta também pelo retorno do narrador no diálogo. Portanto, fica aí essa possibilidade de transitividade de instâncias em Antônio.

### Estudo das personagens

Para o estudo das personagens, esse artigo se baseará no conceito de Santos e Oliveira (2001) que define personagem como ser de ficção. A ideia de separar personagem de pessoa é importante, pois ela não é moldada por uma concepção de ser. É algo menos limitado que transita nas fronteiras do não-ser e que pode “*introduzir variações nessa concepção, deformando-a, problematizando-a*” (SANTOS; OLIVEIRA, 2001, p. 28).

No trabalho de classificar as personagens, *Antônio* mais uma vez se mostra além das classificações tradicionais. Como conceituar o protagonista Benjamin? É herói ou anti-herói? Não parece se encaixar em nenhuma delas. Há antagonistas na diegese? Parece que não.

Sobre a caracterização delas, todas são personagens planas, com exceção de Elenir, em determinado ponto de vista. Por personagem plana, pode se entender aquela caracterizada por um número pequeno de atributos. Numa subtipologia, entre personagem plana ‘tipo’ ou ‘caricatura’, todas em *Antônio* são ‘tipo’, pois são reconhecidas por características típicas, como: amigo de Teo, amigo de Xavier, esposa de Xavier e avó de Benjamin. Já Elenir se difere, uma vez que parece ser duas pessoas diferentes, levando em conta o relacionamento com Xavier e depois com Teo. Houve mudanças físicas (diferença de idade em cada gravidez) e psicológicas (mudança na personalidade em cada relacionamento). Talvez não se possa dizer em mudanças ideológicas (mudança em relação ao modo de pensar), já que novamente decidiu ter um filho com alguém da mesma família, como se a repetição de atitude trouxesse de volta o mesmo filho perdido do passado.

Ao falar das personagens, tem-se a impressão de que a autora deixa sempre um fio condutor que liga todos os fatos. Uma relação importante é a tríade composta pelos personagens vivos, narradores da história (Isabel, Raul, Haroldo) e os personagens falecidos (Xavier, Teodoro e Elenir) com os ambientes (Rio de Janeiro, São Paulo e Minas Gerais). Por outro lado, o jogo “de duplas” ajuda a dar dinamicidade ao texto, como: vida e morte, Benjamin antigo e Benjamin vivo, passado e presente etc.

### Algumas considerações finais

*Antônio* é uma obra merecedora de vários prêmios por diversos motivos. Porém, o motivo principal é certamente a forma como a história é narrada. A autora consegue colocar o leitor no lugar do protagonista vivenciando junto com ele o descobrimento de sua história familiar. Também pelo modo de narrar, a autora faz da diegese uma história dinâmica que, em cada momento, uma informação nova é dada. Uma parcela da dinamicidade é devido ao percurso pouco linear, uma vez que a história é contada por três diferentes narradores personagens, em momentos diferentes.

A dinamicidade também é notada quando são dadas várias versões de um mesmo fato. Assim, o leitor percebe que não há verdades, mas versões diferentes. Esse modo de narrar que sugere diversidade de versões pode levar o leitor a refletir sobre a vida e sua mimética com a arte. Isso ocorre, uma vez que *Antônio* apresenta a vida como centro da diegese. Assim, fala-se da vida, de vidas e imitando a vida real.

Da mesma forma como a vida é foco da diegese, a morte também ocupa lugar central. Essa dualidade “vida-morte” pode ser percebida na correspondência dos personagens mortos com os personagens narradores vivos, com o primeiro Benjamin morto e o segundo Benjamin vivo. Também com a personagem feminina Elenir, já morta e o processo de morte da personagem Isabel, até então viva. E, por fim, pela duplicidade de se ter, no início da obra, a nova vida que nascerá com Antônio e, no final do livro, com a morte de Isabel. Portanto, o livro segue um fluxo de vida, morte, vida e morte.

Imagina-se que um leitor de obras literárias não sabe, ou não precisa saber sobre narratologia. Porém, quando um estudo narratológico é feito de um texto, como foi o caso desse trabalho, observa-se que os níveis estruturais da obra são minuciosamente pensados e arquitetados durante seu processo de produção. E isso, sem dúvida, faz da diegese uma obra

considerada especial, por vezes, vencedora de prêmios, como é o caso de *Antônio*. Projetar um protagonista que não fala nada, em nenhum momento, ou uma mesma história narrada em diferentes versões, por diferentes personagens, não é algo simples. Entretanto, contribui significativamente para a área dos estudos literários, além de proporcionar aos amantes de literatura uma boa leitura.

### Referências bibliográficas:

BORGES FILHO, Oziris. *Espaço e literatura: introdução à toponálise*. São Paulo, ABRALIC, 2008.

BRACHER, Beatriz. *Antônio*. 2. ed. São Paulo: Edições 34, 2010.

FRIEDMAN, Norman. *Point of view in fiction: The Development of a Critical Concept*, PMLA. Vol.70. N. 5 (Dec. 1955).

GANCHO, Cândida Vilares. *Como analisar narrativas*. 9. ed. São Paulo: Ática, 2006.

GENETTE, GERAD. *Discurso da narrativa*. Trad. Fernando Cabral Martins. Lisboa: Veja, 1971.

RAWLINGS, Peter. *American theorist of the novel*. London: Routledge, 2006.

RIMMON-KENAN, Shlomith. *Narrative fiction*. 2. ed. London: Routledge, 2002.

SANTOS, Luis Alberto Brandão; OLIVEIRA, Silvana Pessoa de. *Sujeito, tempo e espaços ficcionais: introdução à teoria da literatura*. São Paulo: Martins Fontes, 2001.

### Structure, development and levels in the *diegesis*: a study of the narrative of Beatriz Bracher's *Antonio*

**Abstract:** This paper presents a study of the novel *Antonio*, written by Beatriz Bracher. It was written in 2007 and had the second edition published in 2010. The book won two major awards of literature in Brazil, besides being a finalist of Sao Paulo Award literature in 2008. The narrative deals with the pursuit of knowledge of oneself through the discourse of the other. This is how the protagonist, Benjamin, assembles the puzzle of his history. This novel was chosen because it differentiates itself from many others in the way of narrating, bringing as the protagonist a character that does not express himself through speech, at no time in the story, despite having its presence throughout the narrative as a listener character. In this work, we analyzed the development of the narrative, types of narrators, character types, and especially the narratological structure, as narratee, implied and empirical author and empirical

and implied reader. These levels, sometimes in complex narratological study are, throughout the text, conceptualized and exemplified in narrative. The study and the construction of this work was based on Genette (1971), Friedman (1955), Rimmon-Kenan (2002), Gancho (2006), Reis and Lopes (1989), Borges Filho (2008) and Santos and Oliveira (2001 ). After reading the article, it is hoped that the reader can understand the relevance of narratological studies to literary studies.

**Key words:** Narratological study. Narrative structure. Narrators. Character. *Antônio*.

**Recebido em:** 01 de outubro de 2014.

**Aprovado em:** 19 de março de 2015.